colhido em 1980/81, participando com 39% da produção estadual.

As laranjas precoces, variedades menos atingidas desta feita, com uma quebra de apenas 7,8% sobre a produção esperada em janeiro deste ano, sofreram mais com a geada de 1981, pois a atual safra (estimativa de janeiro) seria 15,7% inferior à quantidade colhida em 1980/81.

De maneira geral, contudo, parece que a geada de janeiro passado afetou um número maior de árvores do que a anterior, levando à erradicação de uma quantidade maior de laranjais, na medida em que a área atingida foi bem superior à do ano passado.

Quanto ao consumo de suco concentrado de laranja nos Estados Unidos, este deverá manter-se estável, visto que os preços reais, em nível de consumidor, deverão também seguir esta tendência, a exemplo do que ocorreu em 1981. Naquela ocasião, os processadores elevaram os preços logo após a geada; posteriormente, contudo, viram-se obrigados a reduzí-los, pois começaram a aparecer indícios de queda na quantidade consumida. Para os industriais daquele país, é mais vantajoso aumentar o nível de importações, reprocessar o suco e vendê-lo no mercado interno. Deste modo, podem praticar preços mais atrativos para o consumidor e, assim, manter o nível de vendas.

No Brasil, os industriais-exportadores já começaram a tomar algumas medidas com vista a diminuir a dependência do setor em relação aos fatores climáticos que, porventura, venham a afetar as próximas safras norte-americanas. A entrada do suco brasileiro nos mercados do Oriente Médio, em embalagem do tipo *longa vida*, é um passo importante para a penetração brasileira em novos mercados consumidores, alargando seu leque de opções e diminuindo a dependência em relação aos importadores tradicionais. Outro fator importante nesta direção foi a criação de um consórcio entre as indústrias exportadoras visando disciplinar o mercado através de um sistema de quotas de exportação, distribuídas com base na capacidade de produção de cada indústria e em sua performance nas exportações, nos últimos anos. O imposto de exportação também deverá tornar-se uma quota de contribuição, vindo a constituir um fundo financeiro que o setor utilizará para a formação de estoques e para a divulgação do produto no mercado externo. A decisão final sobre a transformação do imposto em quota de contribuições ainda não foi tomada, devendo ser discutida nas próximas reuniões do Conselho Monetário Nacional.

A aplicação destas medidas deverá resultar numa dependência menor da citricultura brasileira em relação a fatores que estão fora de seu controle, tornando o mercado mais estável e, conseqüentemente, mais estruturado.

SUINOCULTURA

A saída poderia ser o mercado internacional

A reativação sazonal do mercado de suínos, no final do ano passado, não chegou a traduzir-se num aumento real dos preços capaz de proporcionar uma recuperação da produção, no médio prazo. Na verdade, o preço real recebido pelos produtores do Sul do país, no segundo semestre de 1981, foi 9% inferior ao do primeiro semestre e 15,3% inferior ao preço médio de igual período de 1980.

Mesmo considerando-se apenas o último trimestre do ano, época de expansão das compras das indústrias, a média do preço real, naquele período de 1981, foi 6,7% inferior à média dos últimos três meses de 1980, o que deixa claro que a crise financeira pela qual passaram os suinocultores, no ano passado, foi das mais sérias. A extensão do problema pode ser mais bem avaliada, levando-se em conta que esta tradicional aceleração das compras industriais esbarrou, em 1981, numa oferta de animais terminados relativamente contraída, pois o desincentivo à produção fez com que os criadores diminuíssem seus plantéis. Assim, não causa espanto que as primeiras estimativas indi-

quem que o descarte de fêmeas reprodutoras, em 1981, tenha ultrapassado em cerca de 6% a margem considerada normal, de 30%, que se refere, basicamente, ao abate usual de fêmeas de menor produtividade.

É preciso assinalar, ainda, que, não fosse pela abundante oferta de milho verificada no ano passado, o desempenho da atividade suinícola teria sido muito mais desastroso do que o observado. De fato, a partir de agosto, a relação de preços *suíno/milho*, em todos os estados do Sul, manteve-se acima de 6,0 (ponto considerado, teoricamente, como de equilíbrio), chegando a alcançar 8,08 em novembro no Rio Grande do Sul, e mantendo-se a média regional em 6,71 nos cinco últimos meses do ano. Desta forma, unicamente devido à depressão por que passaram as cotações de milho no ano passado (ver **Agroanalysis**, vol. 6, nº 2), a atividade de engorda de suínos mostrou-se mais vantajosa do que a venda, no mercado, do cereal produzido na propriedade, o que veio a desaconselhar um maior sacrifício de fêmeas.

Por outro lado, se, na segunda metade do ano, a relação de preços *suíno/milho*, nos estados do Sul, registrou tendência de alta, a comparação dos preços recebidos pelos suinocultores com a evolução mensal do custo de produção, no caso do Rio Grande do Sul, mostra que, à exceção dos meses de abril, novembro e dezembro, o mercado esteve francamente desfavorável à criação destes animais. A situação, como indica o Gráfico 1, deteriorou-se rapidamente, atingindo seu ponto mais crítico entre junho e julho de 1981. Justifica-se, assim, o fato de o abate de matrizes ter ultrapassado o percentual costumeiro, o que significa a exclusão de 288 mil destes animais do rebanho, no presente ano.

No entanto, se, do lado da produção, o setor suinícola beneficiou-se da farta oferta de milho, do lado do consumo agravou-se, em 1981, o quadro desfavorável à carne de porco. Tal desfavorabilidade já se colocava desde 1980 — à semelhança do ocorrido com a carne de aves — em função da queda dos preços reais da carne bovina e do papel alternativo que ainda assumem as carnes de pequenos e médios animais. Desta forma, a carne suína, que, entre outros motivos, por força de sua industrialização, disputa com a bovina os preços mais altos no comércio varejista de proteínas animais, viu-se prejudicada por uma forte retração da demanda, à medida que a queda dos preços reais da carne bovina tornava-a mais atraente para o consumidor. No nível do varejo da cidade de São Paulo (Gráfico 2), observou-se, no ano passado, que o preço médio da carne suína esteve acima do preço da carne de boi no período abril/junho e no mês de dezembro, tendo a média anual deste preço relativo repetido os 0,96 verificados em 1980. Observa-se, pelo Gráfico, que, em 1981, a relação tendeu a manter um curso menos errático do que o ocorrido em 1980. Isto denota uma maior cautela, quando da fixação dos preços da carne de porco, para evitar que a relação atingisse picos e vales acentuados.

O Gráfico 3 mostra que, em São Paulo, a carne suína foi, dos três tipos de carne de maior consumo no país, a única que, no último trimestre do ano, apresentou ascensão real de seu preço no varejo, enquanto depreciavam-se (e, bem entendido, ganhavam mercado junto ao consumidor varejista) os valores reais das carnes bovina e avícola. Fica patente, desta forma, a escassa capacidade de competição da carne suína, cujas falhas, tanto na estrutura de produção, quanto na de comercialização, dificultam sua maior penetração junto ao consumidor (ver **Agroanalysis**, vol. 5, nº 9). Isto ainda é agravado pelo fato de que um percentual insignificante da carne suína produzida é consumido *in natura*.

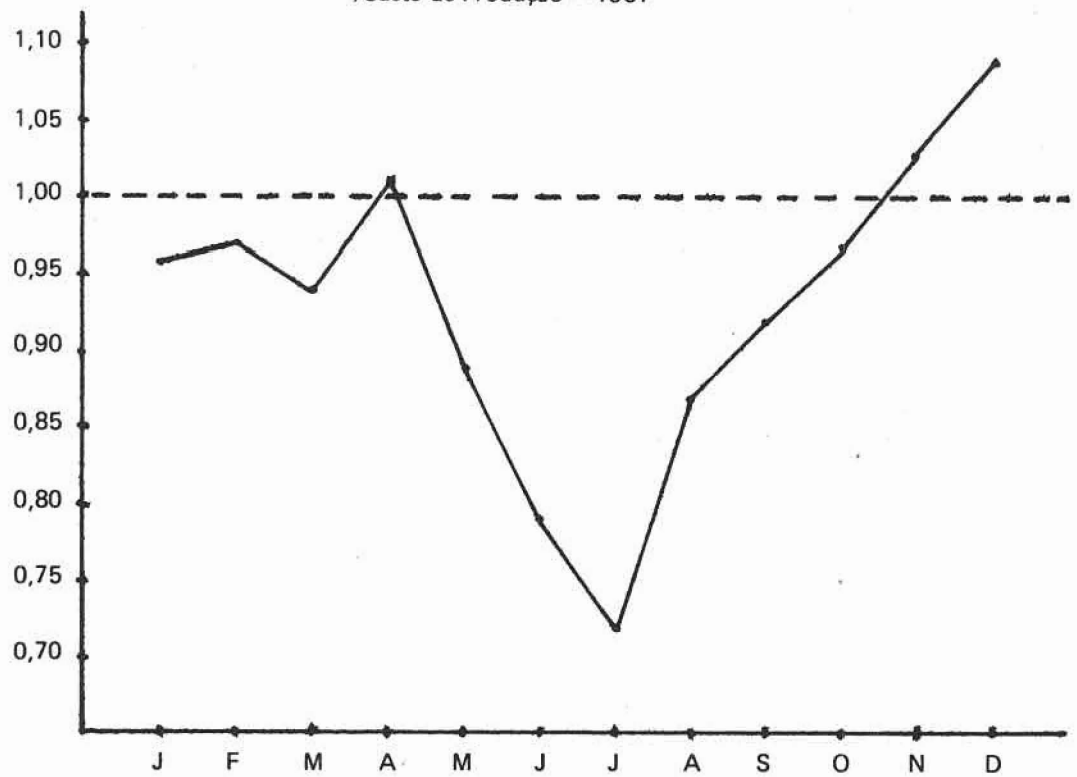
A situação é agravada, ainda, pelo fato de que o setor não tem podido contar com a exportação para escoar parte de sua produção, a exemplo do que ocorre com a avicultura. Este fato, aliado às dificuldades inerentes à estocagem da carne de suínos, e à lenta, mas constante, melhoria tecnológica do reba-

nho (via melhor conversão alimentar e gradual predominância do porco tipo carne) tem causado o aporte direto ao mercado interno da totalidade de uma produção crescente. Essa produção, por sua vez, tem que enfrentar não só o aumento da oferta de outras carnes mas, também, o fenômeno de contração da demanda por carnes em geral. Desta forma, em 1981, em um período difícil para a economia do país e em que se verificava um aumento da oferta de carne bovina, ocorreu uma oferta recorde de carne de porco, de cerca de 1,13 milhão de t, o que significou uma disponibilidade *per capita*/ano de 9,3 kg.

A despeito da recente valorização do preço do suíno terminado, o perfil do complexo carne parece

GRÁFICO 1

RIO GRANDE DO SUL: Relação Preço Médio Mensal Recebido pelo Suíno Tipo Exportação/ /Custo de Produção – 1981



FONTE: ABCS.

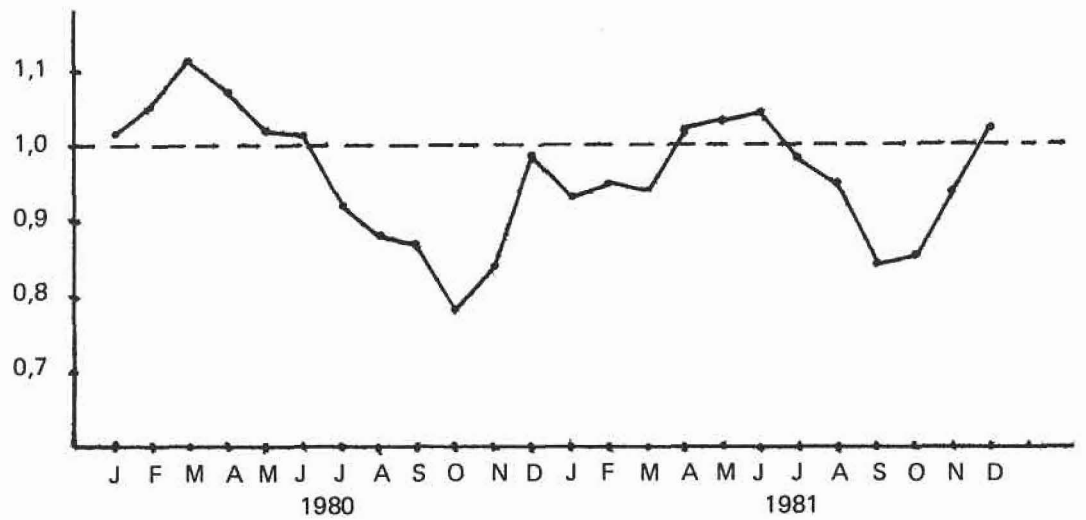
apontar para uma repetição, em 1982, dos maus resultados financeiros obtidos pelos produtores, em 1981. Tudo indica, por exemplo, que tenderão a intensificar-se os abates de bovinos no presente ano e, portanto, deverá aumentar a oferta deste tipo de carne, acarretando uma diminuição do espaço a ser ocupado pela carne de porco junto ao consumidor varejista, uma vez que seu preço médio, neste comércio, aproxima-se muito do preço dos cortes bovinos.

Por outro lado, a boa safra de milho esperada no Centro-Sul, na atual temporada, deverá continuar, a exemplo do ocorrido no ano passado, a favorecer a engorda dos animais, cobrindo-lhes os custos de alimentação, e a limitar a redução dos plantéis. A própria estrutura de produção vigente na suinocultura, voltada, primordialmente, para as pequenas propriedades de mão-de-obra caracteristicamente familiar, com produção própria de milho, desfavorece expectativas mais pessimistas, que antevejam uma acentuada queda da produção, bem como a intensificação do sacrifício de fêmeas reprodutoras.

Segundo a Comissão Estadual

GRÁFICO 2

SÃO PAULO: Relação de Preços Carne Suína/Carne Bovina no Varejo — Janeiro 1980 a Dezembro 1981



FONTE: IEA/SP.

de Planejamento Agrícola, de Santa Catarina*, o rebanho brasileiro de suínos, em 1982, é de cerca de 36 milhões de cabeças (praticamente inalterado em relação ao ano passado) sendo que 48% destes animais deverão ser abatidos, significando uma produção de carne de 1,13 a 1,14 milhão de t, mantendo-se a disponibilidade *per capita* anual em torno de 9,1 kg. A apreciação destas cifras não deixa margem a qualquer expectativa de aquecimento dos preços recebidos pelos suinocultores, durante 1982.

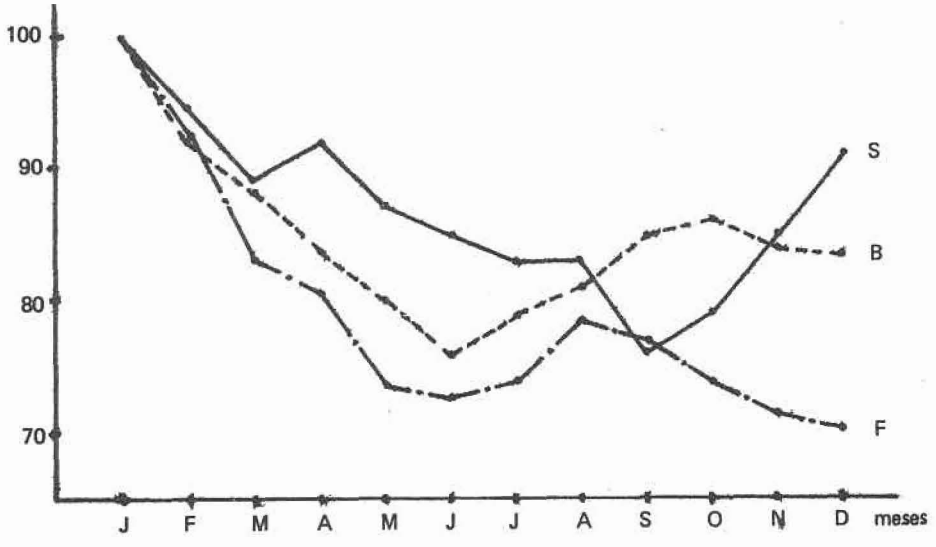
O possível ligeiro aumento, este ano, da quantidade de carne de porco ofertada, paralelamente a uma agudização da concorrência dentro do complexo carne (decorrente da perspectiva de que venha a ocorrer um aumento de 7 a 10% nos abates de bovinos no presente ano) deixa evidente que a resistência do mercado interno à absorção de carne suína será tanto maior quanto mais elevada for a relação de preços *carne suína/carne bovina* no varejo. Simultaneamente, o setor avícola prepara-se não só para defender sua parcela de mercado como, também, para tentar aumentá-la, apoiando-se no seu preço mais atraente e na facilidade (ainda bastante inexplorada) de que dispõe para proceder a diversificações na apresentação de seus produtos ao consumidor.

O pouco campo de manobra que resta à carne suína dificulta argumentações otimistas quanto a uma melhoria do balanço financeiro dos criadores no presente ano. Seria interessante uma maior atenção governamental para este setor, pelo menos no que diz respeito a uma agilização da reabertura das vendas ao mercado internacional, de forma a livrar a suinocultura das dificuldades originárias de sua dependência do mercado interno.

* Acompanhamento Conjuntural da Agricultura Catarinense, janeiro de 1982.

GRÁFICO 3

Índices de Preços Reais Mensais no Varejo de São Paulo do Frango Limpo (F), Carne Bovina (B) e Carne Suína (S) — Janeiro a Dezembro de 1981 (Janeiro = 100)



FONTE: IEA/SP.